



Eva Perón e o populismo argentino: apropriações e interpretações.

Isabela Candeloro Campoi¹
Ivana Aparecida da Cunha Marques²

Artigo recebido em: 30/08/2019
Artigo aprovado em: 16/11/2019

RESUMO

O presente artigo analisa o papel de Eva Perón (1919-1952) na História da Argentina. Para tal, objetiva-se contemplar o peronismo, movimento populista argentino, no bojo das transformações históricas e políticas da América Latina, dando ênfase aos seus aspectos mais notáveis e recorrentes. A primeira-dama Eva Perón liderou e conduziu o movimento pela conquista do voto feminino na Argentina, de maneira que se busca compreender o seu papel neste processo. Projeta-se analisar as interpretações historiográficas a respeito de *Evita* e como a sua figura, principalmente após a sua morte em 1952, vem sendo apropriada por diferentes grupos político-sociais, os quais ora santificam-na, ora vulgarizam-na na memória popular argentina.

Palavras-chave: Peronismo. Argentina. Eva Perón.

ABSTRACT

The present article analyzes the role of Eva Perón (1919-1952) in the History of Argentina. To this end, it is aimed to contemplate peronism, the populist argentinian movement, in the midst of the historical and political transformations of Latin America, emphasizing its most notable and recurring aspects. The first lady Eva Perón led and conducted the movement for conquest of the women's vote in Argentina, in a way that it is sought to comprehend her role in this process. It is intended to analyze the historiographical interpretations about *Evita* and how her figure, especially after her death in 1952, is being appropriated by different social and political groups, which sometimes sanctify her, sometimes vulgarize her in the popular memory of Argentina.

Key words: Peronism. Argentina. Eva Perón.

¹ Pós-doutora em História pelo Instituto de Estudos Latino Americanos (LAI) da Universidade Livre de Berlim (FU-Berlin). Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em História da Unespar, Campus de Paranavaí. Email: isabela.campoi@unespar.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8568342954658223>.

² Formada em História pela Unespar, Campus de Paranavaí, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da UEM. Email: ivanamarquess@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8096168870498501>.



Tudo, absolutamente tudo, neste mundo contemporâneo foi feito à medida do homem. Nós, mulheres, estamos ausentes nos governos. Estamos ausentes nos parlamentos, nas organizações internacionais. Não estamos nem no Vaticano nem no Kremlin. Nem nos Estados maiores dos Imperialismos. Nem nas comissões de energia atômica. Nem nos grandes consórcios. Nem na maçonaria. Nem nas sociedades secretas. E, contudo, estivemos sempre na hora da agonia e em todas as horas amargas da humanidade. É como se a nossa vocação não fosse substancialmente a de criar, mas a do sacrifício (PERÓN *Apud* AVELINO, 1997, p. 87).

1 INTRODUÇÃO

Don't Cry For Me, Argentina cantava Madonna ao interpretar Eva Perón no filme *Evita* de 1996.³ Além dos milhões de dólares angariados por Hollywood, a Argentina respondeu com efervescência, quando se ergueram inúmeros protestos contra a escolha da atriz para viver essa personagem. Afinal, quem é a figura que inspirou a indústria cinematográfica hollywoodiana, causando críticas e insurgência popular na Argentina?

Em 1945 a jovem atriz María Eva Duarte (1919-1952) casou-se com o então poderoso político argentino Juan Domingo Perón (1895-1974) e, a partir disso, tornou-se peça importante para o movimento populista argentino que já se delineava desde o início da década de 1940.

O peronismo é conhecido, entre outras coisas, pela singularidade da participação da mulher em seu projeto político, a qual fora expressada na figura da primeira-dama Eva Perón. A partir de 1946, com a ascensão de Perón à presidência da Argentina, *Evita* (como era chamada por muitos) vai se tornando, gradativamente, uma figura central do populismo argentino, principalmente devido a sua força política e a sua ligação com grupos marginalizados da sociedade.

Eva era responsável pela Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), organização que funcionava juntamente com a Fundação Eva Perón, criada em 1948 com a finalidade de atender as exigências da população mais carente da Argentina, e da qual também era dirigente. Além disso e acima de tudo, a primeira-dama é reconhecida como sendo a figura que impulsionou as mulheres argentinas a se mobilizarem em busca do sufrágio feminino, conquista a qual fora garantida pela Constituição de 1947 e consolidada em 1951, quando as mulheres votaram pela primeira vez no país.

³ O filme foi dirigido por Alan Parker e inspirado em uma ópera-rock homônima da década de 1970 que teve direção de Tim Rice e Andrew Lloyd Webber.



Nesse contexto, a sua presença rompia com as forças tradicionais e, por isso mesmo, despertava a inimizade de grupos conservadores da sociedade, acostumados com um cenário político tipicamente masculino.

Dessa forma, as suas contradições e a sua significância para o peronismo foram e continuam sendo motivos de diversos debates, especialmente no que se refere aos seus prováveis objetivos nesse projeto político. Em meio a multiplicidade interpretativa existente sobre essa figura, pode-se identificar produções que ratificam a relevância da sua atuação na política argentina, assim como, perspectivas que buscam renegar a dimensão da sua importância histórica.

Entretanto, toda a querela em torno de sua imagem, fizeram com que *Evita* fosse sendo apropriada como símbolo oficial – principalmente após a sua morte, em julho de 1952 – e acabasse se tornando, paulatinamente, um mito na história da nação argentina.

2 O FENÔMENO POPULISTA NA ARGENTINA: O PERONISMO

Conceituar a noção de populismo é um trabalho muito complexo para os estudos históricos e sociais, especialmente ao que se refere à América Latina do século XX. Mesmo que para fins didáticos seja mais facilitador estabelecer critérios gerais para todas as manifestações, é certo que cada fenômeno carrega consigo suas particularidades, como o que ocorre com o caso argentino. Dessa forma, considerando a necessidade de perceber as especificidades contextuais de cada evento, essas várias leituras podem resultar, em muitos casos, em diversas- e até divergentes- interpretações historiográficas.

No caso da América Latina, o populismo pode ser apreendido como fruto de transformações extremas na esfera da economia internacional, especialmente entre o período de 1920 e 1950, marcado pela desarmonia entre as conjunturas política e econômica (PRADO, 1981).

De acordo com a historiadora Maria Lígia Prado (1981, p. 9): “(...) os conceitos teóricos, como ‘abstrações reais’, são historicamente determinados”. Por isso que, apesar dos esforços intelectuais que buscam formas explicativas generalizantes para o conceito de populismo, entendê-lo na sua complexidade só é possível quando este é analisado inserido num tempo e espaço definidos.



Norberto Ferreras (2011) concorda com Prado ao propor que o populismo pode ser identificado ao deslocamento das classes populares, antes periféricas, para o centro das decisões políticas. Ferreras reforça: “(...) esse período é o momento de irrupção dos setores oprimidos com força suficiente para mudar seu destino e o destino de suas nações” (FERRERAS, 2011, p. 214)

A partir dos anos 1930, surgem interpretações que ratificam a importância da interferência do Estado nas questões econômicas e sociais, concepção a qual, paulatinamente, vai ganhando corpo e conquistando espaço de debate pela América Latina. Por outro lado, no contexto de crise mundial, resultante do *crash* da bolsa de valores de Nova Iorque, busca-se reaver o liberalismo econômico aos moldes de fins do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Porém, gradativamente, compreendeu-se que os novos tempos trouxeram novas condições, como, por exemplo, o inchaço das cidades e a transformação da economia. Como alternativa para as novas exigências sociais, irrompem, então, os governos denominados de populistas.

Apesar das especificidades de cada manifestação populista, é importante destacar que certas características são frequentes e marcantes em todas elas. É o caso, por exemplo da priorização aos direitos trabalhistas, da ‘oficialização’ dos sindicatos por parte do Estado, e da nacionalização de empresas.

No exemplo da Argentina, Juan Domingo Perón chegou legalmente à presidência em 4 de junho de 1946, eleito por meio do Partido Laborista (PL), surgido um ano antes. Na época, Perón era coronel e integrante da GOU (*Grupo de Oficiales Unidos*), organização composta por militares e criada no ano 1942. Essa corporação tecia afinidades com o nazi fascismo, de modo que fora o grupo encarregado de dirigir o golpe de 1943 na Argentina, o qual se caracterizou por ser marcadamente antiliberal e antidemocrático.

Esse movimento golpista abriu espaço para que Juan Perón adentrasse- como um personagem que lidera ‘por trás das cortinas’ - o cenário político argentino. E ele o fez desempenhando os cargos de vice-presidente, ministro da guerra e ministro do *Trabajo y Previsión*. Na função de secretário do Trabalho e Previdência, Perón agiu expandindo direitos trabalhistas e fazendo funcionar aqueles que já existiam como letra-morta. Conforme esclarece Maria Lígia Prado: “(...) Perón tinha indubitavelmente um forte carisma – da mesma forma que Eva Perón – fazia discursos retóricos e demagógicos, mas também tomou medidas concretas,



efetivas, que beneficiariam realmente os assim chamados ‘descamisados’ (PRADO, 1981, p. 60).

O acúmulo de cargos e o apoio popular (principalmente de trabalhadores) que Perón vinha adquirindo, fizeram com que ele se tornasse alvo de acusações e inimizades, provenientes tanto das classes mais abastadas, quanto da esquerda (comunistas e socialistas), que se sentia perseguida pelas investidas de Perón. Todas essas críticas serviram como forças influenciadoras do golpe interno que o arrancou do poder e o colocou na prisão em 12 de outubro de 1945. De acordo com Ferreras (2011, p. 228): “Para os trabalhadores que se apoiavam em Perón, essa prisão foi vista como uma perda e uma derrota de seu próprio projeto.” Entretanto, em 1946, com o povo nas ruas ao seu favor, Perón é solto e retorna ao cenário político como presidente da Argentina.

Em meio às particularidades do peronismo, cita-se características que podem ser observadas com recorrência. É o caso, por exemplo, da proximidade com os trabalhadores- por meio da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), liderada pela primeira-dama Eva Perón –, e o acossamento e as tentativas estatais de desarticulação dos movimentos de comunistas, socialistas e anarquistas.

Considerando as peculiaridades do populismo argentino, destaca-se Eva Duarte (que ao se casar com Juan, em 1945, tornou-se Eva Perón). Reconhecida, entre outras coisas, por suas ações assistencialistas, *Evita* fora a responsável por dar o tom para esse fenômeno político. Justamente por sua grande relevância, é que ela foi e continua sendo constantemente reinterpretada nas mais diferentes instâncias políticas do país. Fora isso, sua figura ainda se mantém viva e efervescente nos discursos contemporâneos, seja pela historiografia, seja por meio da indústria cultural.

Portanto, considerando a magnitude histórica de Eva Perón, para que seja possível entender as ações dessa primeira-dama no projeto político do peronismo, é necessário conhecer, mesmo que brevemente, a sua história de vida antes de chegar ao cenário político argentino.

3 A HISTÓRIA DE EVA PERÓN: UM COMPÊNDIO

A breve história de Eva (*A Madre de los Descamisados*), que teve fim em 1952, quando morreu aos 33 anos, vitimada por um câncer de útero, continua gerando, desde sua ascensão ao governo de Perón, diversas e contraditórias interpretações. Tais interpretações suscitam ainda,



debates acalorados e pungentes, tanto sobre sua trajetória antes de adentrar a política, quanto no que se refere aos seus objetivos, supostamente implícitos e ocultados por sua postura carismática e seus discursos entusiasmados.

Nascida no dia 07 de maio de 1919, em Los Toldos, cidade pertencente à província de Buenos Aires, Maria Eva Duarte, filha mais nova entre cinco irmãos, é fruto de um relacionamento extramatrimonial entre Juana Ibarguren e Juan Duarte, caso que gerou uma situação pessoal dramática, aberta à interpretações.⁴

Fora isso, outra passagem digna de apreciação tem a ver com a vinda de Maria Eva à Buenos Aires. Segundo Silva (2004), Eva, garota com uma infância estigmatizada pela carência e dificuldades, chegou à capital argentina em 1935, buscando conquistar o seu sonho de ser atriz. Entre as explicações acerca desse evento, estão as que visam encontrar justificativas para a sua ida à Buenos Aires, assim como, explicar de que modo essa chegada ocorreu. Então, conforme aponta a autora

A hipótese mais aceita é o envolvimento de Eva com o cantor de tango Agustín Magaldi, que fazia apresentações nas cidades menores. Ele era um dos artistas mais famosos da época e em todo o país era conhecido como “El Gardel del interior”. A outra versão, dada pela família, seria que Dona Juana teria acompanhado Evita à capital para um concurso de rádio (SILVA, 2004, p. 23).

Eva Duarte conheceu Juan Perón em 15 de janeiro de 1944 e em 1945 se uniram em matrimônio. Esse casamento, mais do trazer transformações para a vida do casal, abalaria a forma com que as coisas se organizavam na nação argentina, até então. Avelino (2014, p. 52 *apud* MARTINEZ, 1996, p. 159) esclarece que, ao se tornar primeira-dama em 1946, *Evita* saiu do anonimato e alçou a um papel marcadamente inovador, a de Chefe Espiritual da nação e mãe dos humildes.

Quando adoecida pelo câncer de útero que a acometera, a sociedade argentina, sem muitas notícias sobre a atual situação de Eva, entrou em ebulição e se dividiu em dois campos bastante opostos. De um lado, os peronistas, os quais rezavam e torciam pela recuperação da primeira dama; de outro, os antiperonistas, que vibravam pela sua morte:

⁴ Um caso marcante diz respeito à morte de seu pai em um acidente de carro. Só foi no velório dele que Eva o conheceu, o que só foi possível graças à uma ação corajosa de sua mãe que reivindicou que ela e os filhos ilegítimos estivessem presentes naquele dia. (SILVA, 2004).



Era o confronto estabelecido entre dois grupos heterogêneos, que surgiu nas oportunidades mais desumanas e maléficas (...) Nos muros que ladeiam a estação Retiro, não muito longe da residência presidencial onde Evita agonizava, alguém pichou uma divisa de mau agouro: “Viva o câncer” (AVELINO, 2014, p. 54).

Mesmo doente, uma multidão se juntou na Avenida 09 de Julho, na capital argentina, em 22 de agosto de 1952, num comício peronista, para exigir que Eva se dispusesse à candidatura de vice-presidência do país, o que não aconteceu, já que ela se encontrava na fase terminal da doença. Pelas rádios de Buenos Aires (SILVA, 2004), a primeira-dama renunciou à sua possível candidatura, o que não interferiu na reeleição à presidência de Juan Perón, em novembro de 1951. Entrementes, essa vitória só pode ser analisada com maior precisão a partir da reflexão acerca do novo grupo sociopolítico votante: as mulheres argentinas.

4 DIREITO E CIDADANIA: A CONQUISTA DO VOTO FEMININO NA ARGENTINA

Evita, como figura política ativa, causava desconforto para os grupos sociais acostumados a conceber a mulher como elemento pertencente ao ambiente privado. De acordo com a historiadora Barbara Potthast (2010), a sua presença constante durante a campanha eleitoral de Perón, significava, de certa forma, uma afronta à ordem social estabelecida. Segundo a autora: “É difícil explicar porque Perón permitiu que fosse acompanhado, como também é difícil descobrir quem foi a força impulsora desta paulatina politização do papel da esposa do futuro presidente” (POTTHAST, p. 266, 2010) (Tradução nossa)⁵.

Eva Perón foi a liderança responsável por principiar, em 1947, um movimento em prol da conquista do voto feminino na Argentina, realizado por meio da Ala feminina do Partido Peronista (PP), que também ficava sob os auspícios da primeira dama. Em 1949 esse direito foi garantido pela nova Constituição – designada de Justicialista e aclamada pelo Congresso como “doutrina nacional” – e, nas eleições de 1951 (quando Perón foi reeleito para a presidência), as mulheres votaram pela primeira vez na Argentina.

(...) Mesmo sendo real que o direito conquistado tenha se dado por outras intenções, a possibilidade da mulher votar e ser votada na Argentina impulsionou a eleição de um número considerável de deputadas e senadoras, criando dentro do Estado organizações de mulheres (MATOS, CYPRIANO, BRITO, 2007, p. 7).

⁵ Do original: “Es difícil explicar por qué Perón permitió que lo acompañara, como también es difícil descubrir quién fue la fuerza impulsora de esta paulatina politización del papel de la esposa del futuro presidente” (POTTHAST, 2010, p. 266).



Fora isso, nesse contexto, em 1948, foi criada a Fundação Eva Perón, instituição que se destaca pelo seu trabalho conjunto com o Exército e a Confederação Geral do Trabalho (CGT). Essa organização era formada por hospitais, escolas, farmácias populares, e etc., de tal modo que *Evita* se tornou um elemento de conexão entre o Estado peronista e as necessidades e reivindicações dos *descamisados*, ou seja, os grupos periféricos do país.

Tudo isso, somado à sua habilidade política e postura de liderança, fazia com que Eva Perón fosse conquistando mais poder, o que permitia que ela alçasse ao espaço público e de decisões – campo, o qual, não era o destinado para às mulheres daquele período- e rompesse com tradições conservadoras.

Então, mesmo que hajam discussões acerca das estratégias políticas que permeiam as ações de incentivo do peronismo em relação a conquista do sufrágio feminino- e da cooptação dos votos da maioria das mulheres, consequentemente- (Palermo, 2007), é válido reconhecer que essa garantia significou o rompimento de bloqueios formais para a ascensão de mulheres no âmbito político e de deliberação.

Assim, esse ativismo feminino argentino pela conquista de parte do espaço público, resultou na conquista de um direito- qual seja, o do voto das mulheres- que já havia sido assegurado há trinta e cinco anos para os homens.

(...) no final de 1947 o *Congreso Nacional* aprovou a lei n. 13.010, reconhecendo às mulheres os mesmos direitos e obrigações atribuídas aos homens em 1912. O longo período intermediário entre a sancão de ambas as leis fez com que a Argentina passasse a integrar o último contingente de nações latino-americanas a reconhecer os direitos políticos da mulher (PALERMO, 2007, p. 01) (Tradução nossa)⁶.

Por isso mesmo, o legado histórico e social de *Evita* Perón, especialmente no que se refere a liderança dela no movimento de impulsionamento e ordenação das mulheres na luta pela conquista de garantias políticas, fomentou o surgimento de leituras variadas e, muitas vezes, até dicotômicas sobre sua figura, as quais podem ser consideradas ingredientes essenciais no processo gradativo de construção do mito *Evita*.

⁶ Do original: (...) a fines de 1947 el Congreso Nacional aprobó la ley n. 13.010, reconociendo a las mujeres los mismos derechos y obligaciones asignadas a los varones en 1912. El largo período que medió entre la sanción de ambas leyes hizo que Argentina pasase a integrar el último contingente de naciones latino-americanas en reconocer los derechos políticos a la mujer”.



5 APROPRIAÇÕES E INTERPRETAÇÕES E O MITO *EVITA*

Analisar o engendramento do mito pressupõe considerar as conexões que ele estabelece com a memória e a história, de tal forma que “confundem-se os personagens com os mitos e estes, com os agentes sociais.” (AVELINO, 2014, p. 50). Por isso, para entender a herança histórica deixada por Eva Perón, é necessário examinar as formas com que sua figura vem sendo representada historiográfica e socialmente, e como, consequentemente, esse mito se constrói.

Para Teixeira (2013), que produz uma análise acerca do livro *Santa Evita*, lançado em 1996, do jornalista e escritor argentino Tomás Eloy Martínez, a edificação de Eva como figura pública só tem início a partir do seu casamento com o general Juan Domingo Perón, ocorrido em 1945, e a sua consequente inserção da vida política. Além disso, segundo Teixeira, Martínez esclarece que estudar a figura de *Evita* requer que se suplante o maniqueísmo ‘santa-prostituta’, o que é possível por meio do contato com os depoimentos ‘não oficiais’ de grupos sociais periféricos do país. Esse exercício é necessário, conforme aponta o autor, para desbancar os entraves que dificultam o entendimento das nuances e pluralidades interpretativas presentes entre os extremos dessa dicotomia.

Dito isso, considera-se que Maria Eva Duarte possuía multifacetas, como, por exemplo, a de *Evita* (alcunha que agradava a primeira-dama), a de Señora ou Señora Eva Perón, para os peronistas, ou ainda, a de ‘atriz Eva Duarte’, designação que a oposição insistia em utilizar.

Então, levando em conta a formação desse mito, o período histórico que vai de 1955 (ano do golpe de Estado argentino que retirou Perón do poder) até 1973 (data em que o candidato peronista Hector J. Cámpora é eleito presidente do país), é uma fase de um embate simbólico que visava a manutenção da herança peronista. Se de um lado estavam os militares, buscando apagar da memória popular qualquer signo e impressão deixado pelo governo de Perón, por outro, havia um movimento de resistência que objetivava a preservação desse legado, principalmente por meio da realização de homenagens à *Evita*.

Esse é um período de relutância desses grupos que corroboravam a importância e simbologia de Eva Perón, considerando que a partir de 1955 (ano da retirada de Perón pelos militares), o peronismo passou a existir na clandestinidade. Nesse contexto, segundo propõe Anabella Evangeliza Gorza (2016), o decreto 4161 (05/03/1956), o qual ilegalizava qualquer tipo de uso, aproximação ou disseminação de emblemas e ideais peronistas, acabou surtindo o efeito oposto, sendo que, paulatinamente, esses símbolos foram sendo utilizados como



componentes identitários e de integração social. A pertinência e relevância desse trabalho de resistência se evidenciava em eventos públicos envoltos por simbologias, como os realizados pelos apoiadores do peronismo, em homenagem ao nascimento e morte de *Evita*, os quais contavam com missas e procissões (GORZA, 2016, p. 2).

O pós 1955 também marca uma reviravolta no posicionamento adotado pela esquerda, até então. Com o golpe que derrubou Perón, várias alas da esquerda argentina que se assumia antiperonista, passou a entender que as políticas trabalhistas criadas por esse projeto de sociedade, conseguiram organizar e impulsionar politicamente os trabalhadores. Assim, a partir dos anos 1960, com a esquerda tecendo laços mais estreitos com o peronismo, a imagem de *Evita* passou a ganhar maior visibilidade para esses agrupamentos.

De acordo com Gorza (2016, p. 02): “Práticas que também, podem ser observadas como atos de memória e, nesse sentido, são pertinentes para analisar as âncoras materiais e territoriais que adotou a construção da memória no peronismo durante a etapa da Resistencia.” (*tradução nossa*)⁷. Tais movimentações, as quais possuíam, em alguns casos, caráter de insurgência, e, em outras, de conservadorismo, contaram com certa participação feminina, principalmente de mulheres que, por meio da formação do Partido Peronista Feminino (PPF), almejavam desbravar espaços na esfera pública.

A figura de Eva Perón é um elemento intrínseco ao peronismo, de maneira que, para Silva (2014, p. 147), a primeira-dama representava a ligação entre Estado, nação e a concepção de sociedade pregada pelo populismo argentino. Porém, a partir da sua morte, em 1952, *Evita* foi sendo construída como personalidade política, e apropriada como ‘símbolo oficial’ do peronismo, principalmente por meio do auxílio da propaganda como mecanismo de disseminação desses ideais no imaginário coletivo.

⁷ Do original: “Prácticas que además, pueden ser observadas como actos de memoria y, en este sentido, son pertinentes para analizar los anclajes materiales y territoriales que adoptó la construcción de la memoria en el peronismo durante la etapa de la Resistencia”.

Figura 1: Registro fotográfico do Edifício do Ministério das Obras Públicas.



Fonte: Fotografia realizada pela Prof^a Dr^a Isabela Candeloro Campoi. Buenos Aires, 2013.

Partindo da análise da proposta de Marta Zabaleta, a historiadora Rachel Soihet (2000) corrobora que *Evita* fundamentava e ratificava o ideário peronista, de modo que conseguiu integrar mais mulheres à essa doutrina, o que pode ser considerado um sintoma para a futura criação do Partido Peronista Feminino (PPF), em 1949.

A figura de *Evita* continua, ainda nos dias de hoje, a ser reivindicada por diversos grupos e sujeitos político-sociais, os quais podem, muitas vezes, não se enquadrar na concepção dicotômica de peronistas *versus* antiperonistas. Com essa apropriação da sua imagem, Eva vai sendo transformada, gradativamente, num símbolo de identidade nacional. Sendo tema constante de pesquisas, estudos e reanálises, sua figura segue ocupando espaço nos discursos contemporâneos, convertidos em desenhos, literatura, romances, musicais e filmes, dentro e fora da Argentina.

Posto isso, é justamente por seu encanto e pela efervescência desses debates, que surgem leituras sobre sua figura, as quais também visam aviltar e descaracterizar a sua significância como personalidade histórica⁸.

O engendramento do mito político ocorre num processo gradativo e é marcado por aspirações ideológicas e instrumentos simbólicos que possam forjar a imprescindibilidade dessa figura para dotar de esperança uma população que, muitas vezes, enfrenta períodos de derrocada econômica, crise identitária e conflitos políticos. Gandin (2010, p. 2) aponta que: “De acordo

⁸ Cita-se, por exemplo, os autores Leandro Narloch e Duda Teixeira (2011) que a partir de uma perspectiva parcial e tendenciosa da História, a definem simplesmente uma mulher fútil e ambiosa.



com Bezerra e Lima (2010), o herói é chamado como resposta a uma certa forma de expectativa de anseio político, sobretudo em uma sociedade marcada pelo regime democrático. O herói, portanto, capta os fervores da esperança coletiva (...).”

Ainda de acordo com esse autor, uma figura para ser considerada um herói, precisa, já um primeiro momento, ser reconhecida pela população como um semelhante, o que fará com que se crie um sentimento identitário e de pertencimento entre os indivíduos, entre esses e a comunidade e, mesmo que teoricamente, entre eles e a vida política. (GANDIN, 2010 *Apud* PARGA, 2006).

Um indicador da força do mito *Evita* se encontra no cemitério de *La Recoleta*- localizado em Buenos Aires-, onde a lápide dessa primeira-dama se tornou um espaço histórico, religioso e turístico.

A trama da morte, roubo e desaparecimento do cadáver de Eva Perón, configura-se numa narrativa instigante e quase assustadora. Com o falecimento de *Evita* em 1952, Pedro Ara, um médico espanhol, foi contratado por Juan Perón para mumificar o corpo da primeira-dama. Com o golpe de 1955, que retirara o presidente do poder, esse cadáver embalsamado e exibido na central da CGT, fora furtado e ficou sumido por cerca de 16 anos. Essa história foi abordada num documentário surpreendente, denominado *Evita após a morte* (1997), do diretor Tristán Bauer.

No que se refere às interpretações que buscam desqualificar a imagem de Eva, conforme esclarece Silva (2014), a chamada *Lenda Negra*, que se inspira na biografia de Eva, *The Women of the Whip*- “A mulher com o chicote”- (1952), da escritora Mary Main, ressalta que a primeira-dama possuía um papel de destaque nesse governo, de modo que gozava desse prestígio para, juntamente com sua veia demagógica e autoritária, seduzir a população, obter mais adeptos para o peronismo, e, assim sendo, derrotar seus opositores.

Apesar dessa ideia já ser disseminada de maneira furtiva antes de 1952, após a morte de *Evita*, ela serviu para corporificar a posição antiperonista, avessa à noção da Eva santificada e *Madona de los desacamisados*, concepção ratificada pelos peronistas. Ao questionar o seu passado simples e a sacralidade da sua figura, reafirmam o seu caráter mundano, principalmente ao sugerir que, para ascender, política e socialmente, ela se utilizou da ajuda de homens.



Então, com a sua morte em 1952, essa interpretação serviu para solidificar ainda mais o discurso antiperonista, o qual ressaltava as conexões supostamente existentes entre a primeira-dama e os regimes nazifascistas, marcadamente antidemocráticos, ditatoriais e conservadores.

Considerando essas múltiplas interpretações sobre *Evita*, o historiador, sociólogo e filósofo argentino, Juan José Sebreli, desenvolveu diferentes debates acerca dessa figura. Para Silva, no livro *Eva Perón ¿aventurera o militante?* (1966), Sebreli reconheceu o peronismo como um questionamento à ordem atual. Partindo dessa lógica, esse autor se atentou a figura paradoxal de Eva Perón, afirmando sua conexão com os grupos sociais periféricos da nação. Dessa forma, ele defendia que a primeira-dama fora ativa e atuante, principalmente no percurso por sua ascensão social e na luta em defesa da conquista de direitos para as mulheres argentinas, especialmente as trabalhadoras.

Por outro lado, esse mesmo historiador, anos mais tarde, no livro *Los Deseos Imaginarios del Peronismo* (2000), orientando-se pela perspectiva do peronismo ortodoxo, ressaltou que *Evita* fora retratada como uma figura heroica, sacra e célebre, o que é representado nas produções- filmes, escritos, imagens, e etc.- acerca de sua figura. Segundo o autor: “(...) *Evita* foi a heroína romântica de folhetim, a grande hetaira a quem o destino permitiu se vingar da sociedade que a humilhara” (SEBRELI, 2000, p. 19) (Tradução nossa)⁹.

No seu viés dicotômico, *Eva* teria oscilado entre a mulher amante e o ser espiritualizado; se balanceou entre o santificado e o profano, ou seja, foi do criticado e considerado imoral até aquilo que a sociedade em questão considerava como o padrão ideal de mulher e, para tanto, teve de ajustar-se às exigências e vontades do marido e daquela ordem social na qual se encontrava encaixada.

Sebreli destacou que, ao seu estilo paradoxal, *Eva* fazia apologia a subordinação da mulher e deixava evidente que se sustentava na figura de um homem para alavancar na carreira política. Fora isso, ironizava o movimento feminista e estereotipava suas integrantes, caracterizando-as como idosas, feias e mal-amadas. Além de não romper barreiras, a primeira-dama:

Aceitou as convenções sociais e os tabus sexuais, que fazem da mulher um objeto sexual passivo. Seus luxuosos vestuários, joias e penteados complicados da primeira

⁹ Do original: “(...) *Evita* era la heroína romántica de folletín, la gran hetaira a quien el destino permitió vergarse de la sociedad que la humillara”.



época cumpriam a função de convertê-la em um objeto destinado simplesmente a ser exibido, a não atuar (SEBRELI, 2000, p. 74) (Tradução nossa)¹⁰.

Nessa perspectiva, a noção do feminino para o peronismo, além de não infringir paradigmas conservadores, ainda ratificava o espaço privado- e, conseqüentemente, a tarefa exclusiva de cuidado com os filhos, casa e esposo- como sendo o *locus* natural da mulher. Então, apesar de defender o papel relevante empreendido por *Evita* nesse projeto político, Sebreli ressaltava que o *evitismo* não se configurou numa tendência autônoma, mas, pelo contrário, subalternizada à Juan Perón.

Por outro lado, Eva não conseguiu se submeter totalmente às imposições dessa sociedade tradicional, já que sua infância humilde, sua conformação familiar e seu passado marcado pelas pretensões em ser atriz, ainda significava para aquela sociedade conservadora, principalmente para a Igreja, o Exército e as famílias tradicionais e burguesas, uma imoralidade sexual.

Não obstante, para Avelino (2014), considerando que, nesse contexto, a esfera política argentina (tanto os círculos de esquerda quanto os de direita) estava repleta de noções machistas, a participação de Eva no espaço público ia na contramão das concepções conservadoras do período.

Já numa outra etapa da história do peronismo argentino, em 1972 Perón retornou para a Argentina, vindo de seu exílio na Europa, e, no ano seguinte, foi novamente eleito presidente do país. No entanto, a sua morte repentina em 1974, decorrente de um infarto, fez com que a vice-presidente, María Estela Martínez Perón, casada com Perón desde 1961, e reconhecida como *Isabelita*, assumisse o cargo vago. *Isabelita* tentou se apropriar do legado positivo deixado por Eva, especialmente depois do reaparecimento do seu corpo que havia sido sequestrado e estava desaparecido há muitos anos.

Além dos profundos embates que se estendiam no interior do partido, entre setores de direita e esquerda, é importante atentar-se para o momento de crise enfrentado pelo projeto político do peronismo, principalmente ao se considerar a pressão exercida pelos diferentes grupos (com exigências divergentes) que davam sustentação ao governo. Sendo assim, Isabel

¹⁰ Do original: Aceptó las convenciones sociales y los tabúes sexuales, que hacen de la mujer um objeto sexual passivo. Sus lujosos vestuários, joyas y peinados complicados de la primera época cumplían la función de convertirla em um objeto destinado tan sólo a exhibirse, a no actuar (SEBRELI, 2000, p. 74).



Perón, se autoproclamando a sucessora das realizações de Juan, se transformava na pessoa incumbida por não deixar que o movimento peronista se fragmentasse e, para isso, se valeu da memória e do legado de *Evita*.

O último golpe militar argentino retirou Isabelita do poder, em 1976, e implantou uma ditadura que durou sete anos. Então, mesmo com o fim desse regime, em 1983, a memória em torno da figura de Eva Perón se manteve recalcada, já que alguns grupos sociais a reconheciam como um símbolo de radicalidade.

Porém, com o governo neoliberal de Carlos Saúl Menem (1989-1999), as imagens de Juan e Eva foram revividas como marcas de tempos prósperos e de desenvolvimento argentino, de modo a tentar mitigar as consequências trazidas pela crise econômica e pela insatisfação popular crescente. Essa apropriação explica, por exemplo, a criação do Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón, no ano de 1998 (SILVA, 2014, p. 160).

Fora Menem, os peronistas Néstor Kirchner e Christina Kirchner, os quais chegaram à presidência da argentina em 2003 e 2007, respectivamente, também se utilizaram da figura de Eva Perón, porém, trajando-a com uma nova roupagem. Eva era agora a *Evita Revolucionária*, a personalidade que se desligou da herança dos tempos complexos deixados pelo presidente anterior. Vinculada à política socialista, a imagem da primeira-dama fora empregada no sentido de dotar de ação política os trabalhadores, o que legitimou a maior vinculação desses dois governos com os movimentos sociais. Segundo indica Silva (2014, p. 146):

Eva Perón tem sido reivindicada por diferentes sujeitos e grupos político sociais como um símbolo de justiça social e de um estado protetor, diferente do neoliberal que marcou o país na década de 1990, o qual teria levado os argentinos à crise. Há um desdobramento dessa reivindicação no plano da identidade nacional e do nacionalista: a primeira-dama aparece como um símbolo de uma época – supostamente – áurea vivida pela Argentina.

Figura 2: Outdoor em Buenos Aires compara Juan e Eva Perón ao casal Kirchner.



Fonte: Registro da Profª Drª Isabela Candeloro Campoi, Buenos Aires, 2013.

Dessa forma, a figura de *Evita* tem sido reivindicada de formas diversas- para além da sua morte, em 1952-, o que faz com que seja importante o conhecimento, em contextos políticos, sociais e econômicos distintos, dos embates e pluralidades interpretativas acerca dessa personalidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação de Eva Perón no projeto político do peronismo foi motivo de muitos debates e efervescência popular. Entretanto, com a sua morte prematura em 1952, a sua figura tem sido apropriada pelos mais diferenciados sujeitos e grupos político-sociais, dentro e fora da Argentina. A trajetória dessa primeira-dama, antes e durante a sua participação na vida pública argentina, gerou um legado polêmico, que abarca múltiplas interpretações e apropriações, as quais suplantam o maniqueísmo simplista de santa *versus* demagoga. Posto isto, é necessário considerar a sua biografia ímpar, mas também perceber essa personalidade histórica desvinculada dos usos e mitos construídos a partir de sua memória.



Todavia, mesmo com essas pluralidades e divergências interpretativas, é preciso dar destaque para a significância e dimensão do papel desempenhado por Eva Perón, o qual atravessa décadas, seja como figura política, *madre de los descamisados*, ou como líder e organizadora de mulheres em defesa da conquista de direitos femininos na Argentina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELINO, Yvone Dias. *La madre dos descamisados*. Eva Perón: vida e trajetória política. **Cordis**. Mulheres na história, São Paulo, v.2, n. 13, julho-dezembro, 2014.

FERRERAS, N. *A sociedade de massas: os populismos*. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. (Org.). **História das Américas: Novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 213-240.

GANDIN, Lucas. *A Sacralização do Político*. **Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Curitiba, set. 2010.

GORZA, A. E. (2016). *Los homenajes a Eva Perón como prácticas de memoria en tiempos de la Resistencia peronista (1955-1963)*. **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, v. 16, n. 1, e007. Recuperado de: <<http://www.anuarioiia.fahce.unlp.edu.ar/article/view/IHAv16n1a07>>

MATOS, Marlise, CYPRIANO, Breno, BRITO, Marina. **Cotas de gênero para o reconhecimento das mulheres na política: um estudo comparado ações afirmativas no Brasil, Argentina e Peru**. Recife, maio-junho, 2007.

NARLOCH, Leandro; TEIXEIRA, Duda. **Guia politicamente incorreto da América Latina**. São Paulo: Leya, 2011.

PALERMO, Silvana A. *Quiere el hombre votar, quiera la mujer votar: género y ciudadanía política en Argentina (1912-1947)*. **Programa de Estudios de Historia del Peronismo-Instituto de Estudios Históricos**, agosto, 2007.

PRADO, Maria Ligia. **O Populismo na América Latina: Argentina e México**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

POTTHAST, B. **Madres, obreras, amantes...**: Protagonismo feminino em la historia de América Latina. México, D.F.: Bonilla Artigas Editores, 2010.

SEBRELI, Juan José. **Los Deseos Imaginarios del Peronismo**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

SILVA, Ana Carolina Ferreira. **Santa Evita e suas aparições**. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1.sem.2004, 144 fl. Mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.



SILVA, Paulo Renato da. *Memória e História de Eva Perón*. **Rev. Hist.**, São Paulo, n. 170, janeiro-junho, p. 143-173, 2014.

SOHIET, Rachel. *Alguns comentários a partir do artigo de Marta Zabaleta: o Partido Peronista feminino: História, características e consequências*. (Argentina 1947- 1955). **Diálogos**, DHI/UEM, Maringá, v.4, n. 4: 41-47, 2000.

TEIXEIRA, Luciana Medeiros. *Essa mulher: as múltiplas representações de Eva Perón. A construção do mito e as disputas políticas em Santa Evita de Tomás Eloy Martínez*. **Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, vol.3, nº1, 2013.

Documentário

Evita após a morte. Direção: Tristán Bauer, Argentina, 1997. 50 min.